

DA MEMÓRIA À EMOÇÃO:

Visibilidade do crescimento do pentecostalismo nos tempos contemporâneos

FROM MEMORY TO EMOTION:

Visible growth of Pentecostalism in contemporary times

Joachim Andrade^()*

Resumo

As religiões tradicionais estão na experiência de travessia, pois passam por uma crise aguda no contexto contemporâneo. A oferta do conteúdo dessas tradições não tem mais efeito, uma vez que o êxodo de uma tradição à outra é visível. Elas fizeram tentativas de frear essas migrações, sem modificar suas próprias estruturas, portanto, não tiveram sucesso. A oferta do conteúdo religioso pelas novas manifestações religiosas parece ter uma acolhida melhor por parte da população que está buscando as saídas para as questões espirituais. Dentro desse contexto, encontramos a fricção entre a memória das religiões tradicionais e emoção dos movimentos pentecostais, onde existe uma visível preferência da população pela emoção do que pela memória. O presente artigo fornece uma visão geral do fenômeno da religião no mundo, apontando a raiz da crise e crescimento gradativo das novas manifestações religiosas, entre os quais se encontra o pentecostalismo contemporâneo.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Memória. Emoção. Religiões. Tradição.

Abstract

Traditional religions are on the cross-road, as they are going through the acute crisis in the contemporary context. The offering of the content of these traditions no longer has any effect, for the exodus from one tradition to another is visible. There were several attempts to stop these migrations without modifying their own inner structures, thus there was no success. The offer of religious content by the new religious manifestations seems to have a better impact on the population that is seeking the solutions to the spiritual issues. Within this context, we find the friction between the memory of traditional religions and the emotion of Pentecostal movements, where there is a visible preference of the population for emotion than memory. The article provides an overview of the phenomenon of religion in the world, pointing out the root of the crisis and gradual growth of the new religious manifestations among which we find the contemporary Pentecostalism.

Keywords: Pentecostalism. Memory. Emotion. Religions. Tradition.

INTRODUÇÃO

O contexto do fenômeno religioso atual abre múltiplos caminhos para análises. Por um lado, existe um crescente conservadorismo, que consiste em voltar mais ao mundo ritualístico nas religiões tradicionais. Por outro, avistamos os fiéis abandonando as religiões tradicionais buscando novos conteúdos voltados ao bem-estar do humano sem amarras às estruturas religiosas. Além disso, observamos também o

^(*) Indiano, missionário do Verbo Divino, radicado em Curitiba. Mestre em Antropologia Social pela UFPR, Doutor em Ciências da Religião pela PUC-SP e Pós-doutor pela PUC-PR. Professor docente de Teologia PUC-PR, Studium Theologicum – Curitiba-PR, e Faculdade Vicentina – Curitiba- PR. Autor de diversos livros e artigos científicos. Assessor da CNBB e CRB do Brasil.

Email: joachimandrade@terra.com.br

fundamentalismo ou certa violência por parte daqueles que não atingem seus objetivos. Nesse cenário, observamos que as religiões se encontram em crise e buscam as saídas.

Portanto, o objetivo desse artigo é apresentar de forma geral a situação das grandes religiões no mundo contemporâneo, de que forma elas caminham e qual rumo elas estão assumindo para encontrar seu lugar. Em primeiro momento faremos um olhar fenomênico sobre a situação atual das grandes religiões no mundo e no Brasil. Logo em seguida abordaremos o fenômeno do pentecostalismo no Brasil. A partir dessa visão iremos introduzir o contexto do título desse artigo, que é o abandono da “memória” que era dominante por séculos elaborado pelas grandes tradições religiosas; e o acolhimento gradativo da “emoção” pelo povo, principalmente no Brasil. Finalmente, faremos algumas considerações finais para adquirir uma visão clara da passagem da memória à emoção no contexto contemporâneo.

1 O OLHAR FENOMÊNICO DA RELIGIÃO NO MUNDO

A religião de maioria ou a religião de grande número de adeptos está passando uma crise aguda em todos os continentes. Observar esse cenário é fundamental para analisar os novos fenômenos, como o crescimento do pentecostalismo, pessoas sem religião, assim como ultraconservadorismo no interior das religiões tradicionais. Por exemplo, ao fazer o mapeamento desse fenômeno, no contexto indiano, vemos que o hinduísmo é uma religião dominante, pois possui em torno de um bilhão de adeptos, e apresenta-se como uma religião com as propostas da não-violência.¹ É uma das tradições pacíficas, possui o conteúdo espiritual voltado para a libertação do indivíduo com próprio esforço, por meio das técnicas de meditação e mantras. Ao longo dos séculos teve uma convivência harmoniosa com outras tradições como islamismo, cristianismo e siquísmo, porém na atualidade passa por uma crise de identidade e se tornou mais radical, cujos seguidores apresentam os aspectos violentos em relação às outras religiões.

No caso do islamismo, a região predominante é Oriente Médio, África do Norte e alguns países do sudeste asiático. Com o início da primavera árabe na Tunísia, que se espalhou para outras partes, começou a haver uma crise aguda em todos os países da região. As migrações da tradição islâmica para outras tradições são controladas com a

¹. Etimologicamente, hinduísmo significa em sânscrito: hi – violência; du – longe. Portanto, o hindu é aquele que está longe da violência.

instalação do governo teocrático, com a doutrina mais fundamental que observamos em alguns países do Oriente Médio. O budismo é a religião dominante no sudeste asiático que também espalha algumas sementes de violência, ainda que seja numa escala menor nos países de sudeste asiático.

Quanto ao cristianismo, especificamente o catolicismo, com forte presença na Europa ou nas Américas, incluindo o Brasil, essa religião dominante perdeu a força que tinha aí durante vários séculos. A estrutura pesada da tradição, inúmeras regras e restrições no campo moral levaram os fiéis a migrar para as novas manifestações religiosas que possuem poucas estruturas e que são mais fáceis de compreender e seguir. No caso da Europa, as pessoas buscam as formas mais ateístas ou orientais, principalmente budistas, onde cada sujeito tenta buscar sua felicidade de uma forma individual. Já no Brasil os fiéis buscaram os caminhos evangélicos, especialmente o do pentecostalismo.

2 UM OLHAR AO FENÔMENO PENTECOSTAL

Os pentecostais se caracterizam por uma ruptura histórica eclesial e utilizam esse nome por negarem a continuidade da Igreja. O pentecostalismo é um movimento que influencia inúmeras manifestações de religiosidade que ocorrem na atualidade, sendo esse fato visível em cada canto do nosso planeta, o que nos leva a observar que as Igrejas de matriz pentecostal são as que mais crescem no mundo.

Claro, existem muitos grupos pentecostais, porém entre eles o que mais se destaca é a Assembleia de Deus, que supostamente deve ter cerca de 20 milhões de adeptos dentre os 400 milhões de pentecostais existentes no mundo. Por que este crescimento? Podemos dizer que devido ser a experiência humana cotidiana muitas vezes dolorosa, portanto, são os pentecostais os que focam mais fortemente no arrependimento, conversão e santificação, oferecendo o alívio.

Ao trilhar o caminho histórico percebemos que o movimento pentecostal surgiu praticamente dentro da Igreja metodista, cujo fundador, John Wesley, estabeleceu uma distinção entre os cristãos e os batizados, isto é, os batizados no Espírito Santo. No interior dessa ideia aparece outro movimento distinto chamado “Holiness” – santidade que era convite para uma conversão que levaria para uma profunda experiência religiosa: o batismo no Espírito Santo. O entendimento é que muitas pessoas se

afastaram dos ensinamentos do fundador, por isso era necessária essa conversão para a salvação.

Esse processo deu continuidade às ideias de Holiness, com o pastor Charles Pharam ensinando os estudos bíblicos em sua Igreja. Interessante notar é que ele afirmou que o Espírito Santo refundou essa Igreja na passagem do ano 1900-1901 com o grupo específico reunido em Topeka (Arkansas). Uma boa parte de seguidores concordavam com essas ideias e acreditavam ter recebido o Espírito Santo, sentiam-se guiados em suas vidas pelo mesmo Espírito. Assim podemos dizer que estava nascendo a primeira congregação pentecostal que se distinguiu logo dos grupos antigos pela convicção de que seus membros tiveram o sinal de ter recebido o Espírito Santo como se fosse o dom das línguas, por causa de uma interpretação de alguns trechos dos Atos dos Apóstolos (2, 1-12; 10, 44-48; 19, 17). A esse fenômeno se acrescentou mais tarde, como sinal da presença do Espírito Santo, o da cura das doenças.

Surgiram assim comunidades de pessoas que aspiravam a esses dons do Espírito e que, sem pretender fundar uma nova denominação religiosa, desejavam levar um pouco de renovação às comunidades metodistas e protestantes em geral. Mas o entusiasmo exagerado e a exaltação dos membros, já visível nas primeiras congregações pentecostais, levantaram suspeitas entre as comunidades batistas e metodistas que começaram a desconfiar dessas novas tendências e afastaram-se do movimento.

Sentindo-se rejeitadas pelas denominações tradicionais, as novas comunidades acabaram formando um movimento próprio. Foram chamadas “pentecostais”, pois a opção central do movimento é o batismo no Espírito, recebido como segundo Pentecostes.

Podemos identificar três momentos chaves do movimento pentecostal. O primeiro momento conhecido como **Pentecostalismo Clássico**, que abrange as antigas denominações que se existiam na década de 1920. Historicamente, nessa década surgiram diversas ideologias logo após a primeira guerra mundial, e também movimentos políticos e econômicos principalmente na Europa e nos Estados Unidos. O movimento pentecostal clássico manteve seu conteúdo afinado a tradição antiga, porém começou a espalhar as ideias novas.

O segundo momento foi na década de 1950, conhecido como **Deutero-pentecostalismo** que deu ponto de partida para as pequenas bifurcações nas doutrinas das antigas denominações, porém a momento histórico da humanidade possibilitou ao

crescimento desses pequenos movimentos numa escala menor, sendo que as sociedades da época buscavam modernidade e o progresso das sociedades.

O terceiro momento, chamado de **Neo-pentecostalismo**, ocorreu na década de 1980, onde houve o florescimento do pentecostalismo com o surgimento diversos líderes carismáticos com suas retóricas e carismas conseguiram se estabelecer e fazendo seu conteúdo mais atraente para melhor compreensão. Esses líderes fizeram seus ataques às Igrejas tradicionais, oferecendo as estruturas mais leves e focando mais nas relações familiares, cura de doenças e possibilidades de sair do desemprego.

3 PENTECOSTALISMO NO BRASIL

A pretensão não é apresentar o caminho pentecostal no Brasil, pois existem diversos autores que resgataram a história do pentecostalismo nessa Terra de Santa Cruz. O importante a notar é que o neopentecostalismo assumiu o papel de uma forma radical, que mudou a concepção religiosa brasileira. O pentecostalismo chegou em 1910 e 1911 com a vinda dos missionários que vieram da América do Norte, o primeiro deles, Louis Francescon, um que presbiteriano dedicou seu trabalho entre as colônias italianas no Brasil Sul e sudeste; enquanto outros dois, Daniel Berg e Gunnar Vingren, os batistas, vieram para o Belém do Pará. No Sul deram a origem à Congregação cristã no Brasil, enquanto em Belém nasce a Igreja Assembleia de Deus.

A breve história do movimento, que completou mais de um século de vida, mostra que nenhuma denominação protestante está sujeita a divisões e subdivisões como os pentecostais. Assim podemos identificar Assembleia de Deus, Congregação Cristã no Brasil, Igreja do Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus, Igreja Mundial do Poder de Deus sem contar centenas de pequenas ramificações.

Ao longo dos anos, três Igrejas neopentecostais se destacaram: Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Internacional da Graça de Deus e Igreja Mundial do Poder de Deus, apesar de que esse último atualmente está passando por crise aguda devido a problemas financeiros. A importância e o avanço dessas igrejas se tornaram visíveis com a eleição presidencial do Bolsonaro, onde muitos pastores e seguidores dessas Igrejas assumiram pastas de ministérios no governo.

No campo da religiosidade, o pentecostalismo dá importância à revelação direta do Espírito Santo que consiste em graças concedidas ao homem para entender as verdades

e os mistérios da fé contidos nas Escrituras. A grande importância dada à presença de Satanás e aos esforços para derrotá-los através de exorcismos. Possui uma visão das doenças como punições divinas pelo pecado, não no sentido de que Deus envie diretamente a doença, mas permitindo que o diabo a cause como castigo para o crente.

Há nelas um rigor moral que proíbe o que pode parecer fútil e mundano, como beber, fumar, dançar, assistir à televisão, especialmente novelas, a frivolidade no vestir, especialmente das mulheres, como cortar cabelo, usar calças compridas, maquiar-se etc. Grande facilidade em interpretar como avisos ou revelações divinas certos acontecimentos da vida. Como consequência, a busca da cura da doença especialmente pela oração chega ao ponto de alguns crentes mais radicais envergonharem-se de ir ao médico ou de tomar remédios. Dentro deste contexto é fundamental compreender as duas dimensões da religião: memória e emoção, que esse artigo propõe a tratar.

4 ENTRE MEMÓRIA E EMOÇÃO

Um dos aspectos mais pesquisados no contexto atual seria por que as pessoas migram de uma tradição a outra, muitas vezes para as tradições que possuem pouca estrutura – o ritual que gira ao redor de uma única figura, que conduz a partir de forte emoção. O tema “Entre memória e emoção” é abordado no interior da sociologia da religião por Danièle Hervieu-Léger da escola Francesa de Ciências Sociais. Ela é diretora de Estudos na Escola de estudos avançados em Ciências Sociais, dirige o Centro de estudos interdisciplinares dos Fenômenos Religiosos, pesquisadora no Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS – Paris) e dedica-se à pesquisa e reflexão sobre o papel da religião na modernidade em meio às suas transformações.

4.1 PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA

Para Danièle, o debate sobre a secularização, nos moldes “clássicos” em que foi colocado, está ultrapassado, principalmente quando se trata o fenômeno religioso. Uma “revisão” do conceito, no sentido de seu aprimoramento, impõe-se como condição para o avanço de uma sociologia da modernidade religiosa. Daniele Hervieu-Léger busca uma perspectiva articulada, que procura apreender no interior da própria tensão entre tendências “desecularizantes” e “secularizantes”, ambas presentes nas comunidades contemporâneas. O problema das religiões institucionalizadas na atualidade não é o da desvalorização da herança simbólica que elas detêm nesta sociedade de incertezas em

que vivemos, elas até possuem um singular poder de atração sobre os indivíduos buscadores de experiências; contudo, se o processo de desregulação conduz a um novo ethos religioso marcado por uma faceta emocional e pelo trânsito a todos os espaços da sociedade, causando o enfraquecimento das religiões institucionalizadas, é na tradição e na sua “grande narrativa” – da qual estas religiões históricas são depositárias que está o mediador privilegiado. Nessas novas expressões religiosas vão ancorar suas “pequenas narrativas” individuais ou comunitárias, numa composição da emoção e da errância com os valores e normas tradicionais.

Portanto, para ela, de acordo com CAMURÇA, (2007 p. 251):

A religião se define por meio da transmissão e perpetuação da memória de um acontecimento fundador original através de uma “linhagem religiosa” ou “linhagem de crença”: “uma 'religião' é um dispositivo ideológico, prático e simbólico pelo qual é constituída, estabelecida, desenvolvida e controlada a consciência (individual e coletiva) de pertença a uma linha de crença particular”; “toda religião implica uma mobilização específica da memória coletiva”

A crença religiosa é o processo de conservação e reprodução da linha crente por meio da “memória religiosa” garantindo a permanência da religião cujo ponto de origem é o passado perpetuado. Os ritos celebrados é nada mais do que a lembrança do conteúdo elaborado fundador. A sobrevivência da religião na atualidade depende da transmissão do conteúdo, formando uma linha crente desde o tempo do fundador. O que garante a continuidade da religião é a conservação e a reprodução desta linha crente por meio da “memória religiosa”.

A Igreja católica se encontra no interior dessa análise, sendo que o mais importante para ela é preservar a “memória” da doação de Jesus, a qual é preservada a partir da celebração da eucaristia diária. A eucaristia leva o adepto ao acontecimento fundante, pois ela é uma linhagem religiosa construída pelos antepassados, coordenada pelo Magistério ao longo dos séculos. Se um adepto não participa de uma celebração eucarística, significa que há um corte na memória que conseqüentemente faz esquecer o próprio fundador. Daí a insistência pela celebração eucarística como um fator chave para a Igreja católica.

Porém a religião não é imutável. A continuidade da tradição mascara as suas mudanças e rupturas. As instituições religiosas mudam preservando a memória do evento fundador, trazendo a sensação de atemporalidade na religião. As religiões são tradicionais não porque não mudam, mas porque escondem sua mudança. As mudanças pequenas se diluem, mas precisam se esconder porque a memória coletiva tem um

caráter normativo. Esse caráter se expressa na estrutura dos grupos, movimentos, instituições religiosas, através da constituição de uma memória “verdadeira”: “memória autorizada”. Isso é feito pelo Magistério, um grupo constituído pelos especialistas.

Essa memória pode ser transmitida de diferentes maneiras, sempre conferindo legitimação ao núcleo de poder religioso que comanda a sua transmissão, seja ele um corpo sacerdotal estabelecido ou um profeta contestador. Justamente neste ponto que encontramos o contexto atual da globalização. As sociedades modernas não necessitam de um passado fundador para se constituir. A forma tradicional de transmissão da fé está em questão, pois as pessoas esclarecidas gostariam de receber as informações numa forma atualizada. Portanto a crise da tradição (religiosa) na modernidade é a crise de sua transmissão e do passado como referência para explicar o presente.

4.2 ACOLHIMENTO DA EMOÇÃO

A introdução da emoção na questão da transmissão do conteúdo religioso se deve aos vários fatores dentre os quais se destaca a secularização e também as crises que as famílias e sociedade passam cotidianamente. As religiões tradicionais não conseguiram acompanhar o processo de secularização que conduz as transformações da religião na modernidade a partir da ideia da transmissão da memória coletiva. A secularização para Daniele Léger:

Expressa-se na crise dos grupos religiosos tradicionais submetidos a instantaneização e pulverização da memória coletiva (por causa do paradigma da modernidade), levando seus membros a não mais reconhecer-se na “linha crente” que deveria se prolongar do passado ao futuro, e terminando por impedir um sentimento de pertença a uma “linhagem religiosa” que deveria transcender a imediatez do presente (citado por CAMURÇA, 2007, p.254)

Em outras palavras, podemos perceber hoje a dificuldade que os líderes têm para realizar a transição da religião tradicional para a pós-tradicional, valorizando novas tendências atuais sobre a religião e buscando novos caminhos de transmissão do conteúdo religioso.

Ao se tratar dos problemas de familiares, percebe-se que no contexto atual uma boa parte da população busca religião como autoajuda, principalmente entre os jovens. O contexto atual mostra que os jovens e adolescentes têm muita informação, porém pouco conhecimento e deficiência na experiência da mística. Em outros casos, diante dos problemas familiares, doenças e desemprego aumentado gradativamente, o povo busca soluções para esses problemas. Nessas situações problemática, as religiões como

o catolicismo ofereceram a ajuda com as novenas, terço ou outra religiosidade popular o que talvez não foi suficientemente eficiente, enquanto, os movimentos pentecostais ofereceram as saídas mais dignas introduzindo a emoção.

É interessante notar que as principais tradições neopentecostais do Brasil apresentam um estilo idêntico, basta assistir os programas televisionados por eles. O pastor domina todo o cenário na celebração ritualística, enfatizando mais a cura de doenças, encorajando os fiéis seguirem certas práticas de oração que poderão trazer a felicidade, assim como a riqueza dos bens materiais. Existe uma referência para a Bíblia, porém a ênfase está na emoção do presente.

4.3 OBSERVANDO AS TENDÊNCIAS

Podemos identificar duas tendências na abordagem dos dois conceitos, uma delas decorrentes das ideias que foram introduzidas por Max Weber na *Ética protestante*. Para ele é evidente que o capitalismo moderno que assumiu novo estilo de vida, onde ele percebe por que alguns indivíduos se dispuseram a abandonar o estilo de vida herdado de seus pais e outros não. No interior dessa percepção emerge a sociologia da religião de Weber, conseqüentemente seu interesse sobre o surgimento do capitalismo. O protestantismo teria criado um estilo de vida, um *ethos* que teria uma afinidade eletiva com o modo de produção capitalista. A outra tendência é a ascese monástica católica, restrita a um pequeno grupo que podia abandonar o mundo: os virtuosos religiosos, enquanto o protestantismo exigia o ascetismo de todos os fiéis, pois pregava uma ascese no mundo. Essa ascese no mundo referia-se à vocação como trabalho, que entendemos como profissão secular. Dessa forma a missão para a qual Deus chamava os homens era desenvolver suas atividades produtivas cotidianas. Como afirma Mariz (2007, p.76)

Com o protestantismo o pedreiro servia a Deus construindo as casas, o padeiro enquanto fazia o pão, comerciante vendendo e comprando. Com essa compreensão Deus não pedia mais nem imagens, nem templos ornados de ouro, a riqueza obtida deveria ser reempregada na vocação, ou seja, na produção material cotidiana.

No interior dessa visão os interesses religiosos se deslocaram, iniciando um atrito sutil entre “memória” e “emoção” no Brasil. Os dados que encontramos nas pesquisas do IBGE de 2000 e 2010 (TEIXEIRA e MENEZES, 2013) sobre o movimento no campo religioso brasileiro também muitas vezes encontramos nas publicações nos jornais e na televisão. Podemos ver claramente no apontamento do Edenio:

De um lado, como já previam os sociólogos da religião, houve um aumento notável das igrejas pentecostais e neopentecostais, cujo crescimento atingiu entre os dois centos a notável cifra de 17 milhões de conversões. De outro lado – e aí se percebe uma tendência quase oposta- tiveram acentuando incremento os grupos dos “sem religião” e dos “ateus agnósticos”. Os primeiros eram, em 2010, cerca de 15,3 milhões, ou seja, um mais do que 8,15% do total da população brasileira. O grupo dos agnósticos e ateus era bem menor, perfazendo, respectivamente, 124 mil (0,075%) e 615 mil (0,32%) pessoas (VALLE, 2018, p.12).

Essa percepção mostra uma visível queda do catolicismo, um leve crescimento dos evangélicos e surpreendente crescimento dos agnósticos e dos sem religião. Não querendo entrar em detalhes com os números do êxodo de uma religião a outra, podemos ver uma perda progressiva dos católicos.² Alguns estados como Rondônia ultrapassaram 50% de evangélicos, assim como algumas cidades como Cabo Frio e Baixada Fluminense também possuem mais pentecostais do que os católicos. Além disso, precisamos observar também o fenômeno da dupla pertença, em alguns casos tripla pertença ao mesmo tempo.

Esses são indícios de que existe uma opção clara por parte da população brasileira para a “emoção” apresentada pelos pastores das tradições pentecostais em suas pregações do que pela “memória” apresentada pelos sacerdotes católicos em suas estruturas litúrgicas. Uma das razões da perda progressiva católica se deve ao desgaste da liturgia católica, desencanaixe, sentimento de não pertencer. O mesmo estilo de celebração litúrgica levou os fiéis a fazerem o catolicismo de rearranjos pessoais. Os analistas, sociólogos e antropólogos apontam que o pontificado de João Paulo II e Bento XVI de duração de quarenta anos foi uma das razões para perda dos fiéis. Enquanto, o Papa Francisco é uma surpresa, de fato é uma ilha ou uma passagem que apresenta outro rumo para a Igreja.

Em todos os sentidos os estudos sociológicos mostram que a tendência de migração dos adeptos de uma religião a outra, por vezes pelas necessidades, outras vezes por causa falta de abertura aos tempos atuais de sua religião ou por escolha pessoal. Referindo-se às sociedades pós-tradicionais e citando Flávio Pierucci, Edenio Valle (2018, p.12) apresenta:

(Nelas) os indivíduos tendem a se desencaxar de seus antigos laços [...]. Desencadeia-se nelas um processo de desfiliação em que pertenças sociais e culturais dos indivíduos,

². Conforme os dados que temos existe perda progressiva dos católicos: em 1872 – 99%; em 1970 – 91%; em 1980 – 89,2% e em 2010 – 69,1%. O catolicismo se tornou o principal doador dos fiéis às outras Igrejas. Sendo que somente no ano 2015 em torno de 15,2 milhões de católicos desfiliam.

inclusive as religiosas, tornam-se opcionais, e, mais que isso, revisáveis, e os vínculos, quase só experimentais, de baixa consistência. Sofrem, fatalmente, com isso, claro, as religiões tradicionais.

Apesar da crise no interior do catolicismo brasileiro nos últimos anos percebemos duas tendências distintas, que podemos dizer certo contraste ao mesmo tempo complementariedade. Por um lado, a região no nordeste do Brasil, onde o catolicismo é mais forte devido a religiosidade popular. Onde existem os santuários, existe o enraizamento do catolicismo, portanto um catolicismo mais forte com pouca presença dos pentecostais. A religiosidade popular é o lugar do investimento que na certa forma foge das estruturas ritualísticas internas e fornece mais espaço para o indivíduo a desenvolver sua espiritualidade pessoal. Por outro, também observamos uma forte tendência do ultraconservadorismo dentro do catolicismo, principalmente por parte dos jovens em busca dos elementos mais ritualísticos e volta para as rubricas tradicionais. Ou seja, a volta aos tempos mais antigos para preservar o tradicionalismo enquanto se trata as celebrações ritualísticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No campo da religião, o rumo do Brasil parece estar definido pela forma que estamos caminhando. Talvez não seja uma previsão antecipada, mas, ao que tudo indica, o Brasil será evangélico daqui quinze a vinte anos. Haverá uma predominância dos pentecostais explorando o mundo mais da emoção que também deve passar por um período curto apresentando de novo os caminhos diversificados.

Enquanto as religiões tradicionais terão uma experiência da fricção entre a religiosidade e espiritualidade, sendo que a ala ultraconservadora enfatiza a religiosidade e a ala liberal a espiritualidade. A religiosidade se encontra fortemente vinculada à estrutura da religião que nos faz cumprir aquilo que foi dito por ela através de suas lideranças, enquanto a espiritualidade é uma sensação que surge dentro de nós mesmos que nos faz criar a nossa própria oração. A religiosidade é conduzida pelos fatores externos, enquanto a espiritualidade motivada pelos fatores internos. A religiosidade nos obriga fazer os sacrifícios, enquanto a espiritualidade nos inspira a fazer os sacrifícios com a própria vontade.

No contexto atual tudo depende da escolha, sendo que a população mais carente, ou os pobres, depende mais da religiosidade motivada pela emoção e imediatismo pentecostal do que da memória que faz o sujeito esperar por uma vida feliz no futuro, no

céu. O pentecostalismo utiliza o mecanismo de antecipar o céu aqui na terra sem muita espera. Portanto a escolha dessa população é a emoção propagada pelo pentecostalismo.

Podemos observar também que existem outros grupos que estão crescendo cada vez mais: os agnósticos e os sem religião. Esses grupos também possuem suas práticas religiosas, porém, organizadas por eles mesmos como meditação, yoga ou algumas atividades holísticas que conseguem dar o significado para sua busca pessoal. Em qualquer forma a ênfase do transcendente está presente nestes grupos, em alguns casos mais visível e mais forte em outros casos invisível e quase ausente. Nesse sentido, é interessante ver a perspectiva do Leonardo Boff quando diz:

Ao falar de transcendência como dimensão intrínseca do ser humano, temos que submeter a rigorosa crítica o que as religiões nos legaram. Elas afirmam que o Céu fica lá em cima, onde está Deus, os santos e aquele mundo que chamam de transcendente. Aqui embaixo fica a imanência, onde está criação sobre a qual nós reinamos. Os dois mundos se justapõem e até se contrapõem. Através de toda a mecânica da oração e da meditação buscamos criar pontes para chegar ao Céu, à transcendência e a Deus. Caso não consigamos por nós mesmos chegar a Deus, as religiões se propõem como mediadoras (BOFF, 2000, p,23).

As religiões tradicionais como o catolicismo propõem a “memória” como caminho para chegar ao Transcendente, enquanto os pentecostais indicam a “emoção” como meta de chegar ao Divino. Um olhar fenomênico sobre o Brasil é evidente que está no processo de abandonar a memória que dominou por séculos, cedendo espaço para emoção, conseqüentemente ao pentecostalismo.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **Tempo de Transcendência: o ser humano como projeto infinito**. Sextante, Rio de Janeiro, 2000.

Camurça, Marcelo. **A sociologia da religião de Daniele Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção**. IN: TEIXEIRA Faustino (org). **Sociologia da Religião: Enfoques teóricos**. Petrópolis: Editora vozes 2007. Pp. 249-270.

TEIXEIRA Faustino (org). **Sociologia da Religião: Enfoques teóricos**. Petrópolis: Editora vozes 2007.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

TEIXEIRA, Faustino (org). **Sociologia da Religião: Enfoques teóricos**. Petrópolis: Editora vozes 2007.

MARIZ, Cecília. **A sociologia da religião de Max Weber**. In: TEIXEIRA, Faustino (org). **Sociologia da Religião: Enfoques teóricos**. Petrópolis: Editora vozes 2007. Pp. 67-93.

VALLE, Edenio. **Ateísmo e irreligiosidades: Tendências e comportamentos**. Paulinas, 2018.

(Recebido em dezembro de 2022; aceito em dezembro de 2022)